

Siqueira, Sueli, Assis, Glaucia de Oliveira, Santos, Mauro Augusto dos, Pinto, Franco Dani Araújo e, & Pereira, Alexandre Pimenta Batista (2025). Cai-cai: estratégias migratórias para cruzar a fronteira México-Estados Unidos em busca de trabalho e do "sonho americano". *PÉRIPILOS. Revista de Investigación en Migraciones*, 9(1), pp. 188-224.

Cai-cai: estratégias migratórias para cruzar a fronteira México-Estados Unidos em busca de trabalho e do "sonho americano"

"Cae-cae": estrategias migratorias para cruzar la frontera México-Estados Unidos en busca de trabajo y del "sueño americano"

"Catch and release:" migration strategies for crossing the Mexico-United States border in search of work and the "American dream"

Sueli Siqueira

Professora Universidade Vale do Rio Doce - Mestrado de Gestão Integrada do Território – GIT. Email: Sueli.siqueira@univale.br

Glaucia de Oliveira Assis

Professora da Universidade Vale do Rio Doce – Mestrado em Gestão Integrada do Território - GIT e Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-ambiental – UDESC. Email glaucia.assis@univale.br

Mauro Augusto dos Santos

Professor da Universidade Vale do Rio Doce - Mestrado de Gestão Integrada do Território – GIT . Email: mauro.santos@univale.br

Franco Dani Araújo e Pinto

Professor Universidade Vale do Rio Doce - Mestrado de Gestão Integrada do Território – GIT. Email: franco.araujo@univale.br

Alexandre Pimenta Batista Pereira

Professor Universidade Vale do Rio Doce - Mestrado de Gestão Integrada do Território – GIT. Email: alexandre.pereira@univale.br

RESUMO

A migração através da fronteira do México é uma estratégia migratória utilizada por latino-americanos, dentre eles os brasileiros, há longa data e que se intensifica quando as políticas migratórias estadunidenses se tornam mais restritivas. No século XXI, muitos migrantes tentaram atravessar as fronteiras, enfrentando o aumento da securitização na fronteira México-Estados Unidos por parte do governo estadunidense ocasionando o aumento de prisões e deportações. Durante o primeiro o Governo de Donald Trump (2017-2021), a intensificação das restrições tornou ainda mais perigosa a travessia. Em 2018, o uso da estratégia denominada “Cai-cai” acentuou-se de parte dos migrantes brasileiros. O objetivo deste artigo é reconstruir essa estratégia migratória e demonstrar a inserção destes migrantes no mercado de trabalho estadunidense. A investigação é de natureza qualitativa com o campo de estudo na Região Geográfica Imediata de Governador Valadares (RGIIm-GV). Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com migrantes maiores de 18 anos que partiram utilizando esta modalidade migratória.

Palavras-chave: Migração brasileira. Gênero. Cai-cai. Fronteira México-EUA. Mercado de trabalho.

RESUMEN

La migración a través de la frontera de México es una estrategia migratoria utilizada por latinoamericanos, incluidos los brasileños, desde hace mucho tiempo y que se intensifica cuando las políticas migratorias estadounidenses se vuelven más restrictivas. En el siglo XXI, muchos inmigrantes intentaron cruzar las fronteras, enfrentándose a una mayor securitización de la frontera México-Estados Unidos por parte del gobierno estadounidense con el aumento de arrestos y deportaciones. Durante el primer gobierno de Donald Trump (2017-2021), el aumento de las restricciones hizo que cruzar fuera aún más peligroso. En 2018, el uso de la estrategia denominada “cae-cae” fue intensificado por los migrantes brasileños. El objetivo de este artículo es reconstruir esta estrategia migratoria y demostrar la inserción de estos migrantes en el mercado laboral estadounidense. La investigación es de carácter cualitativo con campo de estudio en la Región Geográfica Inmediata de Gobernador Valadares (RGIIm-GV). Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas a migrantes mayores de 18 años que salieron utilizando esta modalidad migratoria.

Palabras-clave: Migración brasileña. Género. Cae-cae. Frontera México-Estados Unidos. Mercado laboral.

ABSTRACT

Migration across the Mexican border is a long-standing migratory strategy used by Latin Americans, including Brazilians, which is intensified once US migration policies become more restrictive. In the 21st century, many immigrants tried to cross the borders, facing increased securitization of the Mexico-United States border by the US government, with a rise in arrests and deportations. During Donald Trump's first administration (2017-2021), increased restrictions made crossing even more dangerous. However, in 2018, the use of the strategy known as “catch and release” was intensified by Brazilian migrants. The aim of this article is to reconstruct this migratory strategy and demonstrate the participation of these migrants into the US labor market. The research is of a qualitative nature with the field of study in the Immediate Geographical Region of Governador Valadares. The data was collected through semi-structured interviews with migrants over the age of 18 who left using this migration strategy.

Keywords: Brazilian migration. Gender. Catch and release. Mexico-USA border. Labor market.

INTRODUÇÃO

A estratégia migratória chamada pelos migrantes e “coiotes” de “cai-cai”¹ é uma forma de travessia da fronteira México-EUA que consiste em migrantes adultos atravessarem a fronteira via terrestre, sem a documentação necessária, acompanhados por crianças e adolescentes menores, numa migração familiar. Os migrantes adultos se entregam às autoridades estadunidenses de Alfândega e Controle de Fronteira (Customs and Border Protection) e, como estão acompanhados de menores, não são deportados imediatamente e aguardam julgamento, em geral, em liberdade. Essa prática foi utilizada por migrantes brasileiros e outros latino-americanos ao longo do governo Biden (2021-2024) e no primeiro governo de Donald Trump (2017-2021). Apesar do acirramento na política migratória, milhares de brasileiros com suas famílias atravessaram a fronteira, enfrentando com seus corpos as políticas restritivas de circulação e recorrendo ao cai-cai como forma de realizar o sonho de ir para os Estados Unidos e o seu projeto migratório de se inserir no mercado laboral.

É importante destacar que tal estratégia, já utilizada por outros migrantes latinos, passa a ser utilizada por migrantes brasileiros face às dificuldades de entrar legalmente nesse país. Embora a economia norte-americana necessite desses trabalhadores, pois constituem uma mão de obra flexível para um mercado de trabalho flexível, sua entrada é controlada e o acesso à cidadania é dificultado. Nos Estados Unidos, assim como na Europa, o investimento na securitização das fronteiras ultrapassa o apoio às vias legais e seguras de migração e regularização migratória. Este fato, associado à seletividade na concessão de vistos de entrada e as poucas possibilidades de inserção legal no mercado de trabalho estadunidense, empurra aqueles que buscam o chamado “sonho americano” para os caminhos irregulares de travessia da fronteira.

Neste sentido, as populações latino-americanas, dentre elas os brasileiros, muitas vezes nem percorrem as vias legais para tentar o visto de trabalho ou mesmo um visto de turista, pois consideram que não preenchem os requisitos que possibilitam entrar legalmente no país. No caso dos mineiros de Governador Valadares, cidade da região leste de Minas

¹ Segundo Edward Alden (2016), “catch and release” ou “cai-cai”, como tem sido chamada pelos imigrantes brasileiros e é comumente denominada pelos agenciadores e migrantes, trata da utilização de um conjunto de estratégias que recorrem a precedentes judiciais e que possibilitam entrar e permanecer em território estadunidense enquanto aguardam julgamento da sua situação pelas autoridades de fronteira. São procedimentos que se aplicam a migrantes que cruzam a fronteira e não são considerados perigosos, como crianças, famílias e requerentes de asilo.

Gerais, e outras cidades da região, conhecida nacional e internacionalmente pelo fluxo de migrantes rumo aos Estados Unidos, muitos nem tentam a viagem ao consulado norte-americano para tirar o visto, num processo de autoexclusão que os direciona às redes de travessia pela fronteira. Nesse caso, optam pelos recursos oferecidos pelas redes informais que existem na região de Governador Valadares, os mecanismos facilitadores que, por intermédio de conhecidos, amigos e ou parentes na cidade, indicam as pessoas que vão “ajudar” na travessia pela fronteira do México. A modalidade do cai-cai emerge como uma estratégia “garantida” e mais “tranquila” de entrada nos Estados Unidos, cruzando a fronteira com o México, conforme já relatado acima.

A emigração² de brasileiros tendo como ponto de partida o município de Governador Valadares e seu entorno iniciou-se na década de 1960. Conforme observam Assis e Póvoa Neto (2024), na década de 1960 pôde-se registrar movimentos esporádicos de emigrantes brasileiros para o exterior em exílio político e aqueles que partiram para trabalhar e/ou estudar nos Estados Unidos (Margolis, 1994; Martes, 2000; Sales, 1995, 1999; Assis, 1999; Assis e Siqueira, 2009; Siqueira, 2017). Os primeiros migrantes eram homens jovens e partiram para os Estados Unidos no ano de 1964, com visto de trabalho e com o projeto de trabalhar, fazer uma poupança, retornar e iniciar algum tipo de negócio, melhorando assim sua condição de vida no local de origem (Assis, 1995; Siqueira, 2017). As mulheres se inseriram no fluxo um pouco mais tarde, a partir de 1969, trabalhando no mercado secundário no setor de faxina, mas, diferentemente dos primeiros migrantes, não migraram com visto de trabalho e moravam no emprego, como forma de proteção moral, quando migravam sozinhas, evidenciando como desde o início da migração os atributos de gênero diferenciam as trajetórias de homens e mulheres (Assis e Siqueira, 2009).

Com a ida dos primeiros valadarenses, na década de 1960, deu-se início à construção de redes sociais que conectam Governador Valadares a várias cidades nos Estados Unidos. À medida que as mulheres se inseriram nesses fluxos as redes foram se consolidando, pois esses migrantes passavam informações sobre como migrar, recebiam outros conterrâneos, amigos e parentes e ajudavam a arrumar emprego, construindo comunidades

² O termo emigração se refere aqueles que deixaram o país ou lugar de origem e o termo imigração se refere àqueles que chegaram a um outro território ou país de destino. Neste ponto do texto, utilizamos o termo emigração para demarcar esse momento de partida do país e início do fluxo migratório, um novo movimento da população brasileira rumo ao exterior. Mas, ao longo do texto, utilizaremos apenas migrante, por reconhecermos, assim como Sayad (2000), que o migrante carrega consigo esse duplo pertencimento, um mesmo sujeito é emigrante no país de origem e imigrante no país de destino, o que evidencia a dimensão desterritorializada a migração.

transnacionais e configurando uma conexão Valadares-Estados Unidos (Assis, 1995; Fusco, 2000; Siqueira, 2009; Assis e Siqueira, 2009; Martes, 2000; Soares, 1995). Na década de 1980, o Brasil vivenciou um período de grave crise econômica denominado “a década perdida” (Sales, 1999). Nesse cenário, de crise econômica representada pela hiperinflação, queda do poder aquisitivo e pouca possibilidade de mobilidade social, as camadas médias da população vislumbravam na migração internacional uma alternativa à crise vivenciada no país. Em cidades onde já ocorria um fluxo esporádico, como Governador Valadares e as cidades da região intermediária, os relatos das viagens e do sucesso dos primeiros que foram e retornaram à terra natal com investimentos, presentes, pequenos negócios, constituíram uma cultura migratória, que alimentará os fluxos principalmente a partir do final dos anos 1980, durante o “triênio da desilusão” (Sales, 1999, 2009)³. Ao longo dos anos 1990, essas redes já estavam muito bem consolidadas, ligando Governador Valadares e seu entorno a determinadas regiões dos Estados Unidos. Esses migrantes se inserem em fluxos transnacionais nos quais as redes sociais tem importante papel na configuração e manutenção dos fluxos.

Segundo Stephen Castles, Mark Miller e Giuseppe Ammendola (2005), a integração global cria pressões econômicas, políticas, culturais e sociais que convergem no sentido de reforço das migrações a despeito da maior vigilância de controle das fronteiras, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. As migrações tendem a se intensificar, pois são sustentadas por redes sociais que, à medida que os migrantes se instalam e formam comunidades, tendem a “puxar” outros migrantes e a colocar novas práticas e vivências culturais para as sociedades de emigração. Governador Valadares e a região fazem parte dessas cidades que a partir das redes criaram conexões transnacionais (Fusco, 2000; Sales, 1999; Martes, 2000; Assis, 1999; Siqueira, 2009). Os brasileiros, assim como outros migrantes internacionais, conforme afirmam Massey et al. (1987) e Monica Boyd (1989), apoiados nessas redes que oferecem ajuda e informações de importantes ao migrante recém chegado, se direcionam a lugares específicos do mercado de trabalho no país de destino segmentado por gênero, classe e origem nacional.

Michael Piore (1979) destaca que a existência de um mercado de trabalho secundário no país de destino, atrativo para o migrante, e de condições desfavoráveis no mercado de

³ Expressão utilizada por Teresa Sales (1999, 2009) para descrever a intensificação do fluxo de brasileiros rumo ao exterior, notadamente nesse período - 1987, 1988, 1989 - considerado o auge da crise econômica e política no país resultante de planos econômicos frustrados, como o Plano Cruzado I e II, e a decepção com o primeiro governo democrático.

trabalho no país de origem impulsionam a constituição dos fluxos migratórios. Este era o panorama que se apresentava na região de Governador Valadares desde os anos 1960 e que se agrava com a crise da economia brasileira na década de 1980. Esse mercado secundário de trabalho que atraiu os migrantes brasileiros se consolidou ao longo dos anos, é intensificado pela configuração e fortalecimento das redes sociais que fornecem informações sobre trabalho, hospedagem e a travessia, dentre outras.

Assim como outros migrantes latino-americanos, os brasileiros se inserem nesse mercado segmentado, conforme já observado. Os homens na construção civil, em restaurantes e serviços de jardinagem; as mulheres, no setor de cuidados de crianças e na faxina doméstica. Neste sentido, as mulheres se inserem nas migrações internacionais no setor de cuidados e no trabalho doméstico, mercado de trabalho precarizado destinado justamente a mulheres migrantes. Conforme observam as estudiosas de gênero Patrícia Pessar e Sarah J. Mahler (2003), Saskia Sassen (2000), Pierrette Hondagneu-Sotelo (1994, 2007) e Gláucia Assis (2007, 2014), destacando a presença das mulheres nos fluxos migratórios, as diferenças de gênero na organização do processo migratório impactam nas trajetórias de homens e mulheres migrantes, desde a partida, quem irá recebê-los no destino e a inserção no mercado de trabalho. Neste contexto, os atributos de gênero se articulam com outros marcadores sociais nos quais homens e mulheres migrantes se colocam de formas diferentes ao longo do processo migratório.

Neste artigo, pretendemos analisar essas trajetórias sob perspectiva dos estudos de gênero e migração, o que significa compreender gênero como um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias como classe, geração e etnia, configura as oportunidades de mulheres e homens migrantes (Assis, 2007). Partindo dessa perspectiva, analisamos as experiências dos brasileiros no *cai-cai* e sua inserção no mercado de trabalho.

Neste sentido, consideramos importante a afirmação de Pierrette Hondagneu-Sotelo (1994) sobre os estudos de gênero migração, ao afirmar que:

Gênero não é apenas uma variável a ser mensurada, mas um conjunto de relações sociais que organizam os padrões de imigração. A questão que se coloca, portanto, não é simplesmente documentar ou destacar a presença de mulheres indocumentadas que se estabeleceram nos Estados Unidos, ou fazer às mulheres imigrantes as mesmas perguntas que são feitas aos homens imigrantes, mas examinar como as relações de gênero [que são exercidas de forma relacional e dinâmica] facilitam ou restringem a imigração e o assentamento *de mulheres e homens* (Hondagneu-Sotelo,

1994, p. 3, tradução própria, ênfase no original).⁴

Esses apontamentos teóricos nos ajudam a compreender como as mulheres e homens participam nos fluxos e em que contexto realizam a migração por intermédio do cai-cai. Neste cenário, diferentemente do início do fluxo valadarense, quando muitas mulheres permaneciam no país de origem à espera dos maridos ou filhos ou migravam sozinhas e permaneciam sob a vigilância moral da família buscando trabalhar morando no emprego ou, ainda, mais recentemente, quando as próprias mulheres se arriscavam sozinhas na travessia da fronteira, essa nova estratégia envolve uma migração familiar. A migração por intermédio do cai-cai ocorre num contexto de ampliação de inserção das mulheres nos fluxos, que migram levando seus filhos acompanhadas ou não de seus cônjuges. A travessia na fronteira, narrada muitas vezes de forma aventureira pelos homens, passa a integrar cada vez mais vozes e corpos femininos e de crianças que também buscam realizar o sonho de “fazer a América”, enfrentando os riscos da travessia.

METODOLOGIA

A investigação⁵ é de natureza qualitativa com o campo de estudo na Região Geográfica Imediata de Governador Valadares (RGIm-GV)⁶, em Minas Gerais. Essa região abrange diversos municípios, com Governador Valadares sendo a cidade principal e centro econômico da região. A cidade é conhecida nacional e internacionalmente como ponto de partida de emigração. A escolha desta região se justifica pela sua singularidade na sustentação, avanço e intensificação do fluxo migratório analisado.

Um estudo qualitativo se mostra mais adequado para compreender vivências, projetos e expectativas em relação à modalidade de migração investigada. A pesquisa qualitativa,

⁴ No original: “Gender is not simply a variable to be measured, but a set of social relations that organize immigration patterns. The task, then, is not simply to document or highlight the presence of undocumented women who have settled in the United States, or to ask the same questions of immigrant women that are asked of immigrant men, but to begin with an examination of how gender relations [which are exercised in relational and dynamic ways] facilitate or constrain both *women’s and men’s* immigration and settlement” (Hondagneu-Sotelo, 1994, p. 3, ênfase no original).

⁵ Projeto de pesquisa “Cai-Cai” – Arranjos familiares cruzando a fronteira México-Estados Unidos”, sob coordenação de Gláucia de Oliveira Assis (2024-atual). Projeto desenvolvido na Universidade Vale do Rio Doce, no Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional (NEDER).

⁶ Os municípios que fazem parte da RGIm-GV são: Alpercata, Capitão Andrade, Conselheiro Pena, Coroadi, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galiléia, Goiabeira, Gonzaga, Governador Valadares, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Santa Efigênia de Minas, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José da Safira, Sardoá, Sobralia, Tarumirim, Tumiritinga e Virgolândia.

segundo Chueke e Lima (2012), é uma abordagem que percebe a realidade como subjetiva e múltipla, construída como é percebida pelos seus atores. Para compreender essa realidade é importante conversar e ouvir atentamente como aqueles que vivenciaram a realidade estudada relatam essa experiência.

Este artigo apresenta as entrevistas da primeira etapa da pesquisa de campo. Nesta primeira etapa, os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com migrantes maiores de 18 anos, mulheres e homens, que partiram utilizando desta modalidade migratória. A seleção de migrantes retornados ocorreu devido a possibilidade de acesso aos mesmos na cidade de origem do fluxo, por intermédio das redes de contatos em Governador Valadares. Sendo a cidade um ponto de partida de emigração, não é difícil encontrar amigos, conhecidos ou parentes que conheçam alguém nos Estados Unidos ou que tenha retornado ao Brasil. Um dos aspectos interessantes de entrevistar os retornados é que uma das características iniciais que motivaram essa estratégia migratória era o projeto que envolvia migrar com toda família, para não retornar ao Brasil. O retorno marca, portanto, uma mudança no projeto migratório e também uma frustração do projeto econômico, familiar e afetivo que motivou toda organização do projeto na modalidade do *cai-cai*.

Num segundo momento da pesquisa, que se realizará nos Estados Unidos, iremos entrevistar migrantes que ainda estão no país e analisaremos seus projetos migratórios. Como procedimento ético, garantimos na realização das entrevistas a não identificação dos migrantes.

Os sujeitos da pesquisa foram indicados por outros migrantes retornados, que residem em Governador Valadares e região e indicaram outros migrantes que utilizaram essa estratégia migratória. Recorremos à técnica da bola de neve para encontrar outros migrantes. A "bola de neve" (Vinuto, 2014) é uma técnica não probabilística de selecionar participantes de um estudo científico utilizando as redes sociais destes participantes para encontrar o entrevistado com as características específicas definidas pela pesquisa. É uma técnica utilizada principalmente quando não existem registros que possibilitem quantificar, localizar e acessar a população para que se selecione a amostra. Embora em nossa pesquisa não estejamos trabalhando com uma amostra representativa, pois trata-se de um estudo qualitativo, a técnica de bola de neve nos possibilita reconstruir trajetórias e redes construídas entre migrantes, evidenciando os laços entre amigos, parentes e conterrâneos. A partir de um contato inicial, contatamos outros migrantes por indicação dos primeiros entrevistados. Os entrevistados autorizaram a gravação das entrevistas e o

projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 70915623.0.0000.5157). As entrevistas, após transcritas, serão armazenadas em computador do Grupo de Pesquisa, com arquivo com senha, ao qual tem acesso apenas o coordenador e os professores integrantes desse projeto.

Neste artigo, estamos analisando seis entrevistas realizadas com famílias que migraram para os Estados Unidos e retornaram. No quadro abaixo segue um perfil dos entrevistados. São entrevistas realizadas com quatro mulheres e dois homens com idades entre 28 e 52 anos, que viveram nos Estados Unidos entre 2018-2022 e retornaram a Governador Valadares, utilizaram a estratégia do cai-cai e se dispuseram a relatar sua experiência.

Tabela 1. Perfil dos migrantes na modalidade Cai-cai e motivações para partida e retorno

Nome fictício	Idade	Ano de emigração	Ano de retorno	Posição na família	Recursos para a viagem	Motivação para migração	Motivação para o retorno
Iria	42	2018	2022	Mãe	Venda da casa, carro e moto	Melhorar de vida e desesperança	Dificuldade de adaptação
Nelson	52	2019	2021	Pai	Empréstimo com familiares e FGTS por demissão	Rede Familiar	Não valeu a pena
Marcela	35	2019	2022	Mãe	Venda de propriedade rural	Ganhar dinheiro e melhorar de vida	Saudades e desemprego
Paulina	28	2019	2022	Mãe/filha	Empréstimo e financiamento do "agenciador"	Desesperança	Saudades e desemprego
Marcus	35	2018	2020	Pai/filho	Financiamento do "agenciador", venda de lote e moto	Desemprego e desesperança	Deportação
Letícia	30	2021	2021	Tia	Financiamento do agenciador	Desemprego em sua área, necessidade de pagar empréstimo da casa	Deportação

Fonte: Siqueira et al. (2024).

Este artigo faz parte de uma investigação que busca compreender como o aumento da securitização e das políticas migratórias adotadas pelos governos dos Estados Unidos desde o início do século XXI tem dificultado a regularização migratória e o acesso ao mercado de trabalho para homens e mulheres migrantes, empurrando-os para

mecanismos cada vez mais arriscados de entrar nos Estados Unidos e permanecer indocumentados neste país. Portanto, buscamos compreender a estratégia do cai-cai e a importância das redes sociais, das comunidades étnicas e das famílias transnacionais na inserção de homens e mulheres migrantes no mercado de trabalho. Para tanto, o artigo se estruturou em duas seções.

A primeira seção discute como a Região Geográfica Imediata de Governador Valadares se constituiu como um ponto de partida de emigração rumo aos Estados Unidos e a importância das redes sociais na constituição do fluxo e na utilização de mecanismos facilitadores para migrar via fronteira do México, evidenciando a importância das redes sociais no processo migratório. A partir dessa discussão, analisamos como se constituiu a estratégia migratória do cai-cai.

A segunda seção discute como é a vida cotidiana nos Estados Unidos, quando os migrantes conseguem passar a fronteira, quais são os mecanismos de ajuda ofertados pelas redes, quais suas tensões e como ocorre a inserção laboral dos migrantes, buscando compreender gênero, as ajudas e as tensões no apoio das redes.

A REGIÃO IMEDIATA DE GOVERNADOR VALADARES, A CONFIGURAÇÃO DE REDES MIGRATÓRIAS E A ESTRATÉGIA DO CAI-CAI

Aí alguns rapazes, uns por farra, outros queriam estudar nos Estados Unidos, como o caso do que passou lá um ano estudando, outros porque tinham condições, porque o visto era fácil e a passagem não era tão cara, numa sequência, assim, foram uns dez. Aí foi um, depois foi outro. Aí, o outro escreveu e desses dez, uns cinco ou seis voltaram um ano depois. O ..., por exemplo, trancou a matrícula dele em Belo Horizonte e trabalhou um ano, foi ser garçom, “bus boy”. Voltou com dinheiro para comprar um carro. Aquela garotada que estava por aí zanzando na dependência de pai e mãe sem saber o que fazer aqui no Brasil com empreguinho medíocre, aquela mão-de-obra ávida para ganhar dinheiro, viu aquilo e começou (Historiador III, entrevista, 1993) (Assis, 1995, p. 47.).

O relato de um morador da cidade rememora como os primeiros migrantes *puxaram* outros amigos e como, por intermédio de seus relatos, por cartas ou quando retornaram à cidade, foram configurando redes migratórias. Um migrante foi *puxando* o outro e tornando a migração parte do cotidiano da cidade, pois a partir das experiências relatadas pelos primeiros migrantes, as redes foram se construindo. Na década de 1980, num contexto

de crise econômica, conforme destacaram Sales (1999), Margolis (1994), Assis (1995), Fusco (2000) e Siqueira (2009), a cidade e a região constituíram um campo social transnacional que conecta com as cidades na região de Boston, na Nova Inglaterra.

As redes sociais no processo migratório são um conjunto de informações, percepções e expectativas que circulam entre amigos, parentes e conterrâneos que migraram ou pretendem migrar e que atenuam os riscos e constrangimentos da migração de longa distância. As redes sociais constituem um capital social importante no momento de migrar e possibilitam compreender a criação de laços transnacionais entre regiões de origem e destino dos migrantes, como é o caso da conexão entre a Região Geográfica Imediata de Governador Valadares e algumas cidades nos Estados Unidos. Os relatos, as cartas e, mais recentemente, as redes sociais virtuais, assim como o retorno à cidade de amigos, parentes e conterrâneos, constroem um conjunto de informações sobre como partir, onde arrumar trabalho, onde ficar, e ajudam nos preparativos e nos primeiros tempos na "América". Dessa forma, favoreceram a criação de uma cultura migratória (Margolis, 1994; Assis, 1995; Siqueira, 2017), tornando a migração parte do horizonte de expectativas dos moradores da região.

São essas redes que, à medida que vão se constituindo, criando nós e fluxos, direcionam os migrantes para determinados espaços geográficos e para certos setores específicos do mercado de trabalho. Essas redes expressam também os arranjos de gênero nas sociedades de emigração, por isso, homens jovens em grande parte migraram para encontrar amigos, enquanto mulheres migraram acompanhadas de familiares ou foram ao encontro de familiares (Assis, 2007). Assim, os migrantes do sexo masculino da região de Governador Valadares geralmente se direcionam para a construção civil e as mulheres para a atividade de faxina (Siqueira, 2017; Assis, 1999, 2014). Estas redes sociais sustentaram um fluxo contínuo, configurando uma conexão Valadares-Estados Unidos que, a partir do ir e vir dos migrantes e da construção de um espaço transnacional, vem mantendo o fluxo de bens, serviços e pessoas até os dias de hoje. Até mesmo durante a pandemia da Covid-19 esse fluxo não foi interrompido.

São as redes sociais que fazem circular informações que facilitam o processo migratório e que constroem mecanismos facilitadores para empreender o projeto migratório. Esses mecanismos foram surgindo e se aprimorando ao longo do tempo, tais como os prestados pelas agências de turismo que, além de disponibilizar o transporte até o Consulado dos Estados Unidos, colocam à disposição da população serviços que orientam como obter o visto de turista, organizando a documentação e fornecendo informações de como proceder

na entrevista. Além desses mecanismos, existem os agenciadores, denominados “cônsul”⁷, que através de rotas pela fronteira do México-Estados Unidos organizam grupos e fornecem as estratégias necessárias para a entrada no território norte-americano de maneira irregular, sem documentos. A “montagem do passaporte” era outro meio empregado; contudo, com o passaporte digital, este mecanismo não foi mais utilizado (Siqueira, 2017).

Conforme observa Assis (2008),

Quando as pessoas desejam cruzar as fronteiras para trabalhar em outros países, a criminalização que recai sobre o contrabando de imigrantes torna a questão bastante complexa, pois a noção de ajuda é muito forte entre os que desejam migrar. As pessoas nos países de origem confiam naqueles que, em sua cidade, vão *ajudar* a migrar: são os conterrâneos, vizinhos, parentes ou amigos que fornecem a informação, emprestam o dinheiro, ajudam a organizar o projeto de cruzar a fronteira e vivem juntos a expectativa de chegada no destino (Assis, 2008, p. 222).

Por envolver a ajuda de amigos, vizinhos e conterrâneos ao buscar os mecanismos de travessia, sem os documentos necessários para cruzar a fronteira, os que desejam empreender essa arriscada estratégia de migração não percebem que quando partem de Minas para a fronteira do México estão deixando as redes de amigos e parentes nas quais confiam e passando a participar de redes de tráfico de migrantes ou *smuggling* (Assis, 2008). Essas redes se configuram como redes de tráfico de migrantes conforme preconiza o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional, relativo ao Combate ao Tráfico de Migrantes por Via Terrestre, Marítima e Aérea (Presidência da República, 2004), que considera que promover a entrada em outro território de indivíduos, sem a devida documentação ou com documentos falsos, é considerado um ato criminoso, tanto para os indivíduos que ganham dinheiro com a travessia, os “coiotes”, como para os migrantes, por entrarem nos Estados Unidos sem a devida documentação. A questão é que para os moradores da região, a ajuda para a travessia e o pagamento ao “coiote” não são reconhecidos com esse significado, não percebendo, muitas vezes, os riscos que envolvem a travessia até o momento em que

⁷ Cônsul é um termo utilizado pelos migrantes, em Governador Valadares, para se referir às pessoas que agenciam a entrada nos Estados Unidos através da fronteira com o México. O termo é uma referência jocosa ao cargo diplomático e ao seu poder de permitir a entrada. Em Governador Valadares, a cônsul agencia aqueles que desejam cruzar a fronteira, garantindo a entrada nos Estados Unidos, mediante o pagamento de um valor estipulado, que varia conforme o risco da travessia (Assis, 2008, p. 238).

chegam à fronteira, ou seja, não percebem que estão numa rede de contrabando de migrantes e não mais na mesma rede de amigos, parentes e conhecidos de sua cidade natal.

Ao longo dos anos, entre as idas e vindas da população, a manutenção dos laços através das fronteiras configurou espaços transnacionais e os rearranjos familiares ocasionados pela migração contribuíram para a formação de famílias transnacionais que também impulsionaram o fluxo. Assim, o projeto migratório se configura como projeto econômico, familiar e afetivo (Assis, 1999) que conecta aqueles que partiram e aqueles que ficaram nesse projeto. Essas famílias são constituídas por relações de afinidades e parentescos, cujos membros residem e transitam, ou não, entre dois ou mais países. Atualmente, utilizando-se das redes digitais para participar do cotidiano dos seus membros, constroem projetos comuns, organizam festas familiares (casamentos, aniversários, nascimentos), discutem problemas e alguns circulam entre os diferentes territórios geográficos.

Todos esses elementos dão sustentabilidade e continuidade ao fluxo migratório internacional, presente de forma marcante na RGI-m-GV, produzindo uma cultura da migração. Margolis (1994) destaca que nessa região se configura uma cultura de migrar para os Estados Unidos relacionada ao imaginário criado pela presença estadunidense na cidade na década de 1940 e aos primeiros valadarenses que migraram e voltaram contando sobre como era a vida na “América”, construindo o imaginário de terra de oportunidades. Esta cultura construída ao longo desses anos é uma percepção presente neste território, resultado de experiências migratórias vivenciadas pela população que construiu a ideia de que emigrar para outro país é um projeto possível, acessível e que resultará em ganhos para si e para os seus familiares (Massey et al., 1993).

Nessa região, na qual a migração faz parte do cotidiano há mais de 60 anos, o desejo de “ir para América”, como está presente nos relatos, passa a fazer parte do cotidiano, de tal modo que está presente nos projetos futuros desde a adolescência. Pertencer ou conviver com famílias transnacionais, com o contínuo ir e vir de parentes e amigos e com as notícias e fotos enviadas por cartas, telefonemas e, atualmente, pelas redes sociais, torna a migração algo vivenciado no dia a dia dos seus habitantes. As informações vindas do exterior criam a ideia de um estilo de vida norte-americano, de possibilidades de acesso ao mundo do consumo, de uma renda melhor do que na cidade de origem. Kandel e Massey (2002) destacam que essas vivências constroem crenças e valores e configuram não só uma prática, mas a cultura da migração. Esta cultura enraizada nas territorialidades supera

os constrangimentos e riscos associados à migração, seja ela documentada ou não documentada.

O cai-cai como estratégia migratória

A política migratória dos Estados Unidos, muitas vezes, é contraditória com as representações dos migrantes sobre a “América” como terra de oportunidades. Ao longo do século XX, as legislações migratórias estabeleceram requisitos de entrada e permanência que ora permitiam a maior entrada de imigrantes, ora restringiam determinados grupos. Rossana Reis (2003), ao analisar comparativamente a política migratória estadunidense e a política francesa, observa que apesar da difusão da ideologia dos Estados Unidos como terra de oportunidades, mesmo no período de maior migração para esse país – entre o final do século XIX e o início de século XX –, a política estadunidense de imigração estabelecia uma série leis restritivas aos imigrantes. Assim, se até meados do século XX a discussão sobre a imigração girava em torno do eixo nativismo/religião civil, a partir do final do século XX e no começo do século XXI, principalmente após os atentados do dia 11 de setembro de 2001, o eixo principal da política de imigração se desloca para a questão direitos humanos/segurança nacional.

Desta forma, após os atentados, a migração passou a ser tratada como questão segurança nacional com o aumento das medidas de fiscalização nas fronteiras e a adoção de medidas para identificar e remover imigrantes ilegais (Alden, 2016). Essas medidas de fiscalização⁸ e securitização das fronteiras contribuíram para a criminalização da migração internacional e, conseqüentemente, daqueles que tentam cruzar as fronteiras.

A migração através da fronteira do México é um mecanismo utilizado há muitos anos pelos latino-americanos, dentre eles os brasileiros, para ingressar no território estadunidense. Essa travessia consistia, basicamente, em chegar até o México por via aérea, deslocar-se

⁸ Segundo Yaler-Loher, Papademetiou e Cooper (2005) e Helion Póvoa Neto (2005), esse maior controle significou uma rede de políticas para prevenir a entrada de pessoas consideradas perigosas no espaço norte-americano a partir de um conjunto de medidas. A primeira foi o endurecimento na concessão de vistos, previsto nas leis estadunidenses Patriot Act e Enhanced Border Security and Visa Entry Reform Act, promulgadas em 2002 (Santos, 2007). Outra medida tomada para todos os homens e mulheres com idade entre 16 e 45 anos foi a solicitação do preenchimento de formulário com informações mais detalhadas sobre filiações políticas, educacionais, religiosas ou trabalhistas e um histórico mais detalhado da viagem (formulário DS-157). Com relação à chegada no país, outras medidas foram tomadas nas inspeções na fronteiras, como o programa “One face at the border”, que tem combinado inspeções da imigração, alfândega e departamento de agricultura e tornou mais difícil a mobilidade daqueles que desejavam migrar (Assis, 2008).

até localidades próximas da fronteira com os Estados Unidos e ingressar em seu território por via terrestre, utilizando pontos estratégicos de pouca fiscalização pelas autoridades da Imigração dos Estados Unidos (Margolis, 1994; Sales, 1999; Assis, 2008; Santos, 2007). Normalmente o trajeto escolhido envolve atravessar rios e regiões desérticas, sempre acompanhados pelos “coiotes”, geralmente mexicanos, contratados por agenciadores brasileiros (denominados de cônsul) para conduzir os migrantes na travessia da fronteira.

Segundo Kamala Kempadoo (2005), a intensificação da vigilância e a restrição na concessão de vistos de trabalho empurra os migrantes para as redes de tráficos de pessoas e de migração indocumentada colocando essas pessoas em situação de vulnerabilidade e risco na fronteira.

Nesse trânsito, mulheres e crianças estão em situação de maior vulnerabilidade e estão mais sujeitas à violência dos “coiotes”, correndo o risco de estupro e rapto na fronteira, e a não resistirem fisicamente a travessia, seja pelo deserto, seja nas águas do Rio Bravo. Por isso, quando migram sozinhas, são alertadas sobre os cuidados a tomar na travessia com os “coiotes”.

Gislene dos Santos (2007) descreve as rotas e os riscos das travessias realizadas por imigrantes brasileiros provenientes da cidade de Criciúma, em Santa Catarina. Segundo a autora, a passagem pela fronteira com o México tornou-se parte constitutiva da experiência migratória para os Estados Unidos, pois expressa a materialidade da fronteira e as redes acionadas para cruzá-la. Redes que se iniciam como redes locais passam a ser subordinadas a redes internacionais, que desenvolvem um complexo sistema para o tráfico ilegal de imigrantes (Santos, 2007).

É importante ressaltar, portanto, que a fronteira é racializada e generificada. O relato de Letícia, imigrante que saiu de Governador Valadares com a sobrinha e o filho dela, junto com outros casais, para tentar a travessia pelo cai-cai, demonstra essas dificuldades:

Eu acho que ela estar com a criança no trajeto nosso até chegar na fronteira dificultou um pouco para nós, né? Porque ele tinha 5 anos, né? Mas assim, ele andava mais devagar e como tudo era muito corrido, a gente tinha que andar rápido e a gente não dava conta de carregar a bolsa, carregar ele no colo, né? E aí dificultou. Mas quando a gente estava lá na Imigração, para ela facilitou. Porque o fato dela estar com o filho foi o que liberou ela, entendeu? Então, depois que estava lá na Imigração, ela estar com a criança facilitou. Porque, realmente, o tratamento para quem está com criança é assim, né? Diferenciado, entre aspas. Mas para nós, durante a

viagem, é um pouco mais difícil você viajar com criança, né? Ainda mais numa viagem tão corrida como essa (Letícia, entrevista, julho de 2024).

Letícia não conseguiu permanecer nos Estados Unidos, ficou presa durante 50 dias e foi deportada para o Brasil. A sobrinha que estava com o filho pequeno conseguiu sair da primeira prisão e ir para um hotel, onde a família foi buscá-la, e permaneceu nos Estados Unidos. É nesse momento que as crianças, de um fator de risco e dificuldade, se tornam uma forma de conseguir entrar nos Estados Unidos, motivo pelo qual o maior rigor na fronteira aumentou a utilização do cai-cai por imigrantes brasileiros.

É interessante observar que quando os migrantes relatam a travessia, os homens evidenciam nos relatos a coragem e superação de obstáculos e dificuldades, num cenário no qual o medo é enfrentado com a vontade de cruzar a fronteira. “Aqui é terra que o filho chora e a mãe não vê”, dizem. Enquanto isso, as mulheres narram os medos da violência física e sexual e as dificuldades da travessia (Assis, 2008). Os depoimentos revelam essa tensão e medo na longa travessia que às vezes significa atravessar dois ou três países como indica o depoimento de Marcus, que migrou com outros membros do grupo familiar e foi deportado após ficar preso na fronteira, tendo tentado ir pelo cai-cai:

Era a modalidade [o cai-cai] que tava mais fácil, o meio mais fácil da gente entrar nos Estados Unidos, você chega, o cai-cai você chega e se entrega para as autoridades americanas e entra com processo de asilo, pra você entrar pra dentro do país (Marcus, entrevista, 2024).

Segundo os relatos, no cai-cai, migrar em família, embora coloque em risco crianças e adolescentes, torna a travessia menos arriscada para as mulheres, pois quando acompanhadas, ficam menos sujeitas às violências na fronteira. Embora só no momento da travessia mulheres e homens descubram exatamente o que vai ocorrer, a confiança que lhes foi transferida por amigos e parentes sobre o “coiote” faz com que os migrantes confiem nas informações e acreditem que a estratégia adotada “vai dar certo”. No entanto, o momento da travessia revela a fragilidade e o risco das redes de tráfico de migrantes, pois percebem que os próprios “coiotes” se revelam não confiáveis e o momento da travessia e da entrega à Polícia da Fronteira é sempre um momento de perigo, medo e tensão.

Vamos dizer assim, medo sempre tem, né? A gente não sabe o que vem pela frente, e você fica na mão de pessoas que você não conhece e lugares que você nunca passou. Então sempre tem aquele medo de acontecer alguma coisa, que pode acontecer ou não acontecer e, assim, adrenalina a mil. Porque você não sabe, a verdade é que você não sabe, pra onde você

vai, com quem você tá. E a todo momento ali tenso, é uma tensão que você vai passando ali a viagem inteira” (Marcus, entrevista, 2024).

A viagem de Marcus durou um mês e meio, passando, desde de que saiu de Governador Valadares em uma viagem de ônibus até São Paulo, para as viagens de avião até Guatemala, para depois cruzar de trem e ônibus até a fronteira do México, e revela como as rotas se tornaram mais difíceis, com o aumento de prisões e de deportações.

Num levantamento realizado por Santos e Fernandes (2024), os autores apresentam matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos que evidenciam o crescimento das prisões e deportações de brasileiros. Em 2004, a imprensa noticiava o desembarque de 200 brasileiros deportados dos Estados Unidos pelo Aeroporto Internacional de Belo Horizonte, em Confins. A tese de Santos (2007) entrevistou em Criciúma homens e mulheres deportados dos Estados Unidos. Barbai (2008) realizou entrevistas com 25 migrantes brasileiros deportados de vários países. Em 2006, ocorreu a publicação do relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para apurar os crimes e delitos penais e civis praticados com a emigração ilegal de brasileiros no exterior. Esse breve levantamento evidencia os movimentos de mobilidade dos migrantes brasileiros e as tentativas, muitas vezes frustradas, de conseguir permanecer nos Estados Unidos ou em países europeus.

O cai-cai passou a ser utilizado com mais intensidade por migrantes brasileiros a partir de 2017, com a intensificação da crise econômica e política brasileira que havia se iniciado em 2014. Nesse cenário, ocorreu um momento de aumento do fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, conforme observado por Gislene Santos e Duval Fernandes (2024), ao apresentarem os dados que evidenciam o aumento de brasileiros não admitidos a partir de 2015 até 2022.

Conforme já relatado, na modalidade do cai-cai os migrantes, em geral, não permanecem presos. As autoridades agendam uma data para que eles se apresentem à corte norte-americana enquanto analisam o caso. Alguns migrantes recebem uma tornozeleira eletrônica e outros, um celular com rastreador com horários determinados para fazer contato semanal com as autoridades até a data marcada para retorno à corte. Mesmo com esse controle, assim que são autorizados a sair partem rumo à realização do projeto migratório.

A maioria dos migrantes não observa este prazo e permanecem indocumentados no território estadunidense. Essa estratégia é uma política não oficial conhecida como “catch

and release” que era utilizada quando os migrantes detidos na fronteira, geralmente famílias, que não eram considerados perigosos, eram liberados para aguardar a corte de julgamento (Jarvie, 2017). Com a política de tolerância zero do primeiro Governo Trump (2017-2021), essa política informal foi suspensa, o que levou ao encarceramento e separação de muitas famílias migrantes na fronteira. No governo Biden (2021-2025), as prisões e separações de famílias foram suspensas e, novamente, há um incremento de famílias cruzando as fronteiras por intermédio do cai-cai.

Os relatos a seguir contam um pouco dessas experiências migratórias e se referem às entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2024 com seis migrantes retornados que se utilizaram dessa modalidade migratória para tentar realizar o projeto migratório. As entrevistas foram realizadas ou com um dos cônjuges ou o filho maior de idade do grupo familiar e evidenciam aspectos das trajetórias migratórias: o projeto de migrar, a travessia e a inserção laboral. Todos são residentes da RGIIm-GV e migraram acompanhados de familiares e menores de 18 anos. Emigraram com filhos e alguns acompanhados de seus pais, sobrinhos e netos (família estendida).

A motivação para migrar – o projeto de Fazer a América

As motivações para deixar o país entre os entrevistados são relacionadas a melhorar de vida, conseguir financiamento de imóvel e juntar dinheiro para montar um negócio, num cenário descrito como falta de esperança nas possibilidades de uma vida melhor para si e para seus filhos no seu município de origem. Esse desejo de melhorar a vida se articula com os Estados Unidos como um horizonte de expectativas, dada a presença da cultura migratória no território estudado. As redes familiares, a presença das famílias transnacionais e a crença que na “América” é possível ganhar dinheiro e melhorar de vida são as principais motivações descritas pelos entrevistados. No entanto, destacam-se duas motivações, até então não presentes nos relatos. Uma, a desesperança relacionada aos rumos políticos do país. É o que apontado no relato do migrante Nelson, de 52 anos:

Nunca tinha pensado em ir pra América. Meu irmão foi e sempre me chamava, mas nunca me animei. O que me deu o empurrão foi aquela loucura da política. Aquele governo louco e sem noção. Perdi a esperança quando vi tudo desmoronando e quando fui demitido [...] 22 anos na empresa e o pé na bunda, aí perdi mesmo a vontade de ficar aqui. [...] Me demitiu porque não aceitava que disse em quem eu tinha que votar. Começamos uma discussão que deixou ele bravo, uma semana depois fui demitido. Ele disse “comunista não trabalha aqui”. [...]. Acho que eu fui, também, porque meu irmão e meus primos me chamavam sempre, aí teve

a oportunidade, desempregado, achei que podia ser uma boa experiência, e foi (Nelson, entrevista, 2024).

Sonhos, seria uma casa, que já tenho uma casa aqui. Que é financiada que eu pago. Eu queria um negócio, pra mim, próprio e uma casa na praia, no litoral que eu gosto muito também, geralmente pra passar férias e essas coisas assim, era um sonho (Marcus, entrevista, 2024).

Na época quando eu decidi ir, primeiro porque a minha irmã e a família dela, o esposo e o filho decidiram ir. E eu estava passando por um momento difícil, financeiramente falando. Eu tinha terminado a faculdade, tinha entrado no financiamento da minha casa. Só que o meu emprego antigo não daria para eu estar pagando esse financiamento e bancando as minhas despesas, né? E foi por isso que eu decidi ir. Eu ainda não tinha conseguido um trabalho na minha área de atuação e foi por isso que eu decidi ir (Letícia, entrevista, 2024).

Os recursos financeiros necessários para emigrar foram obtidos com a venda de imóveis, motos, carros e eletrodomésticos, além de empréstimos contraídos com familiares e financiamento de parte dos custos pelos agenciadores. Este financiamento consiste em dar alguma garantia ou a garantia de um familiar, através da assinatura de uma nota promissória. Outro recurso indicado por um dos participantes é o recebimento da multa rescisória do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), após uma demissão.

Tinha a casa, os móveis e o carro que ficava na garagem. Num tinha como consertar e pôr gasolina. Passei a casa [financiada pelo programa Minha Casa Minha Vida] pro Jorge⁹ [...], o que tava ajudando a gente, vendemos o carro, a moto, os móveis [...] rendeu 22 mil, o Jorge disse que dava pra entrada, depois a gente pagava com o ganho de lá (Iria, entrevista, 2024).

Conhecia há muitos anos o Pedro que organizava as viagens do cai-cai. Conversei com ele e disse: não tenho dinheiro, quero ir com minha filha e minha mãe. Ele falou: “não se preocupe, eu financio tudo pra você e você vai me pagando quando tiver lá ganhando as verdinhas”. Num paguei nada, nem a passagem para São Paulo (Paulina, entrevista, 2024).

O custo financeiro da migração no formato cai-cai é elevado. Segundo os relatos dos participantes do estudo, as despesas ficam entre R\$50.000 (US\$9.221,00) a R\$120 mil (US\$22.113,70). O valor depende do número de adultos e de crianças (quem viaja sozinho paga mais barato e com família mais caro) e, também, da relação que tem com o

⁹ Jorge, assim como o outro agenciador mencionado, Pedro, seriam os agenciadores locais, o “cônsul”, que faz a intermediação para a realização da travessia.

agenciador local. Para acessar os recursos necessários – conforme descrito acima e reforçado nos relatos –, existem várias possibilidades, como usar recursos provenientes da demissão, vender propriedades e outros bens – venda, às vezes, mediada pelo próprio agenciador – e até mesmo ter a migração totalmente financiada pelo agenciador, como é o caso da Paulina.

Destacamos aqui o que foi relatado por Nelson. Ele trabalhava na construção civil e ganhava em torno de três salários-mínimos no Brasil. Nelson tem três irmãos, além de vários tios e primos, nos Estados Unidos, com os quais sempre manteve contato frequente através do WhatsApp. Um irmão tinha documentação e veio visitar a família duas vezes, depois de 21 anos morando no exterior. O irmão, vendo a habilidade de Nelson na construção civil, convidou-o para migrar, garantindo emprego, bom salário, moradia e uma vida melhor do que ele tinha onde residia no Brasil. Nelson nunca tinha pensado em migrar. Ele tinha estabilidade na empresa de construção civil onde trabalhava há 22 anos. Entretanto, por conflitos com o patrão, relacionado ao contexto político no Brasil, foi demitido.

Eu peguei um empréstimo com meu irmão e mais o que recebi da demissão. Deu para ir. Meu irmão já tinha emprego pra mim lá. Foi chegar e começar a trabalhar [...]. Fui com a esposa, os três filhos, a irmã e os três filhos dela (Nelson, 52 anos).

Nelson relatou que o valor combinado com o agenciador foi de R\$80 mil. Ele pagou uma parte e o restante só pagaria se conseguisse entrar nos Estados Unidos, tendo um prazo de seis meses para completar o pagamento. Destacou que a travessia foi muito tensa e arriscada, mas tudo ocorreu como o agenciador havia informado. Os riscos eram relativamente conhecidos, pois o irmão já o havia informado e garantido que o agenciador era de sua confiança. As redes familiares facilitaram a tomada de decisão e garantiram o apoio nos primeiros tempos. Quando chegou à casa do irmão, logo Nelson, o filho mais velho e a esposa começaram a trabalhar. Assim que se organizaram, alugaram um quarto em uma casa vizinha à do irmão. No entanto, o cotidiano do trabalho, as dificuldades enfrentadas para se adaptar ao novo ritmo de trabalho e de vida e a ausência de momentos de lazer começaram a pesar e fazer os migrantes refletirem sobre o projeto migratório.

A INSERÇÃO LABORAL DOS MIGRANTES: TRABALHO DOMÉSTICO, AJUDAS E TENSÕES NO APOIO DAS REDES

Ao chegar no destino a expectativa é conseguir trabalhar no mercado secundário ganhando o suficiente para realizar o projeto que passa, geralmente, pelo pagamento da dívida contraída para a travessia da fronteira, a aquisição de bens como casa e carro e a criação de um empreendimento que possibilite renda, garantindo uma ascensão social no retorno ao país. Podemos chamá-lo de um projeto econômico, familiar e afetivo (Assis, 1999) que envolve os que partiram e aqueles que permaneceram nesse projeto.

Esse era um projeto recorrente quando, na migração de brasileiros, emigravam um ou mais membros da família e uma outra parte permanecia na localidade de origem, geralmente administrando as remessas enviadas, configurando laços transnacionais. Podemos dizer que era o projeto dos migrantes dos anos 1980 até meados dos anos 2000. No tempo presente, quando o projeto migratório é levar a família toda, através do *cai cai*. Há uma mudança importante no projeto, pois o retorno não está presente no horizonte de expectativas, migram para ficar, sem projeto de retorno ao Brasil. Grande parte destes pertencem ou já estão inseridos em arranjos familiares transnacionais e migram para um local onde tem estabelecida parte de sua família, o que atenua os riscos dessa migração.

Segundo Julia Cerda-Carvajal (2014), ao analisar famílias colombianas na Espanha,

Quando falamos de famílias transnacionais nos referimos às complexas interações entre filhos, pais, sociedade de origem e sociedade de acolhimento. Estas relações persistem para além das fronteiras nacionais, devido a um ou vários membros que migram de sua unidade doméstica, mas mantêm relações com a família, mas em um novo tipo de família (Cerda-Carvajal, 2014, p. 80, tradução própria)¹⁰.

Nesta pesquisa, o que estamos denominando famílias transnacionais são famílias que foram configurando suas relações e afetos entre os membros do grupo familiar entre os Estados Unidos ou outros países e o Brasil. No início do fluxo, envolviam aqueles que partiram e aqueles que ficaram em relações afetivas, de cuidado e relações econômicas,

¹⁰ No original: "Cuando hablamos de familias transnacionales nos referimos a complejas interacciones entre hijos, padres, sociedad receptora y sociedad de origen. Ésta persiste más allá de las fronteras nacionales, debido a que uno o varios de sus miembros se aparta de la unidad doméstica, pero continúa formando parte de la familia, sólo que de un nuevo tipo de ella" (Cerda-Carvajal, 2014, p. 80).

pois muitas vezes aqueles que permaneceram cuidavam dos negócios no Brasil e dos filhos, constituindo esses laços familiares transnacionais.

Desde meados da década de 1990, observa-se o aumento das famílias brasileiras nos Estados Unidos, seja por processos de reunificação familiar, seja pela constituição de novos grupos, mas permanecem os laços e contatos frequentes com a sociedade de origem. Esses contatos eram mantidos por cartas e telefonemas que alimentavam, com notícias e recomendações sobre como criar os filhos ou que fazer com o dinheiro, os laços familiares no local de origem.

Ao longo dos anos 2000, essa configuração de laços familiares transnacionais se intensificou e, com a melhoria das comunicações, foi possível encurtar as distâncias. Essas relações envolvem contatos diários por telefone e, atualmente, pelo WhatsApp, envio de remessas, presentes e visitas ao Brasil, quando são migrantes regulares, ou viagem dos parentes aos Estados Unidos. Esses laços familiares ampliados atenuam a distância e mantém os laços de afeto, a despeito de muitas vezes também ocorrerem conflitos entre as expectativas geradas na migração e o apoio que recebem dos parentes quando chegam. É importante destacar que, nesses arranjos familiares, gênero e geração são também renegociados no processo migratório, como veremos no relato de Ana.

Ana e o marido faziam parte de uma família transnacional e mantinham contatos regulares com os parentes nos Estados Unidos. Ana emigrou em 2024 com o marido, os dois filhos e o sogro. Tinha um irmão, dois cunhados, tios e primos em New Jersey. Foram pela fronteira do México utilizando a modalidade cai-cai.

Quando decidiram migrar, pensaram em ir com a família. Para realizar esse projeto não pensaram em conseguir o visto e decidiram ir pela fronteira. Venderam as duas motos e os móveis e o sogro aposentado fez um empréstimo consignado. O marido foi demitido do trabalho e recebeu o fundo de garantia. Ana pediu demissão da creche onde trabalhava como auxiliar. Fez acordo com a patroa e também recebeu o fundo de garantia. Juntando todos os recursos a família conseguiu R\$25 mil que utilizou como primeira parte do pagamento do valor de R\$60 mil para atravessar a fronteira com toda a família. O restante foi combinado pagar ao longo de um ano e meio com carência de 6 meses.

Analisando sua trajetória e sua inserção no mercado de trabalho Ana relata que:

Tudo que falavam foi mentira. Demorei a conseguir um trabalho e não era todo dia. Dou *help* quando precisam, tem semana que trabalho só 2 dias.

Faxina fácil? Tem não, é tudo muito sujo e tem que fazer com pressa. Eu não acostumei até hoje com a gritaria pra correr e o serviço feito só por cima [...], não sei como era antes, mas as meninas falam que tinha muito trabalho e uma casa que hoje ganha 20 dólares, ganhava 50 dólares e tinha serviço todo dia (Ana, entrevista, 2024).

Help é o nome dado a migrantes, em geral recém-chegadas, que trabalham para a dona do *schedule* – um conjunto de casas para faxinar. Ela recebe uma parcela do valor pago à dona do negócio da faxina. No contexto da crise da economia norte-americana, o trabalho já não é considerado tão rentável quanto era na década de 1990 e início dos anos 2000.

A experiência de Ana revela que as migrantes recém-chegadas acabam sendo exploradas por outras brasileiras migrantes, estabelecidas há mais tempo no mercado de trabalho, o que gera tensão e conflitos entre conterrâneos, às vezes amigos e/ou parentes. As redes que acolheram na chegada ao país e ajudaram a arrumar moradia, muitas vezes, são as mesmas redes que exploram o trabalho de outros co-étnicos gerando conflitos entre os migrantes, como expressa a fala de Ana. Ana vivencia o que outras migrantes recém-chegadas vivenciam e, embora tenha migrado com a ajuda de parentes, não consegue montar seu próprio negócio e se sente explorada. A tensão e frustração expressas na fala de Ana são de não conseguir trabalhar o suficiente para ter seu próprio *schedule* e trabalhar apenas duas vezes por semana, o que não permite alcançar os ganhos imaginados. Trabalhar como *help*, aquela que ajuda a dona do negócio, a faz se sentir frustrada e enganada, conforme expressa na frase “tudo que falavam era mentira”.

Esses conflitos e tensões nas redes sociais já foram observados nos estudos de Martes (2000) ao analisar o negócio da faxina e as reclamações entre os migrantes acerca da falta de solidariedade gerada pela venda dos *schedules* de faxina por amigos, conterrâneos ou mesmo parentes. Segundo Assis (2014), o crescimento do serviço doméstico está ligado principalmente às necessidades de cuidados dos agregados familiares, inerentes ao envelhecimento da população, às mudanças na estrutura familiar e à crescente participação das mulheres no mercado de trabalho. Assim, as brasileiras se aproximam de outras mulheres migrantes na forma como se inserem no mercado de trabalho. Um trabalho informal e precário, embora algumas consigam montar um negócio de faxina¹¹.

¹¹ O negócio da faxina é uma empresa informal formada por uma migrante estabelecida há mais tempo e que tem um *schedule* completo de casas para faxinar. O *schedule*, como denominam as migrantes, é uma agenda com um conjunto de casas distribuídas nos dias da semana com faxinas diárias, quinzenais e mensais. Para dar

A história de Ana e de outras mulheres evidencia que elas migram para um nicho de mercado de trabalho das brasileiras na região de Boston, a faxina doméstica, que é um mercado de trabalho feminino, flexível e não regulamentado. Por isso, embora seja considerado pelas mulheres migrantes que conseguem montar negócio de faxina com um *schedule* completo todos os dias da semana um trabalho rentável, é um trabalho pesado e é muito difícil regularizar a situação migratória nesse tipo de trabalho. As mulheres migrantes trabalham no setor de serviços domésticos e utilizam-se de redes sociais informais, os chamados enclaves étnicos de migrantes, trabalhando como cuidadoras de idosos, babás, faxineiras ou empregadas domésticas (Morokvasic, 1984; Fleischer, 2002; Assis, 2007, 2014), bem como no mercado do sexo (Piscitelli, 2007; Margolis, 1994). Nesse contexto de feminização dos fluxos migratórios, as mulheres participam das redes de cuidado e do sexo num mercado de trabalho que é segmentado por gênero, classe e raça. Para Saskia Sassen (2000), a feminização dos fluxos migratórios transfronteiriços deve ser compreendida no contexto da expansão da economia informal que favorece a flexibilização e desregulamentação da força de trabalho e cria as condições para absorver a mão de obra feminina e estrangeira.

No caso das migrantes latinas, elas também se inserem nesse mercado secundário de trabalho, conforme demonstrado por Magalhães (2021) analisando mulheres paraguaias na fronteira. Segundo essa autora, o trabalho doméstico e de cuidado remunerado, na maioria das vezes desempenhado em regime de trabalho informal, sempre se apresenta como uma oportunidade laboral para as mulheres que atravessam as fronteiras nacionais, tendo elas ou não formação e/ou experiência na área.

Soraya Fleischer (2002, 2003) analisou a configuração desse mercado de trabalho e como as brasileiras construíram um espaço nesse mercado com os atributos da simpatia, do trabalho bem feito e do jeitinho brasileiro de tratar as patroas. Ao se converter num “negócio”, a faxina doméstica nos Estados Unidos se torna um serviço desejado entre as migrantes brasileiras, bem como comprar um negócio de faxina, ou seja, a “dona do negócio” “vende o *schedule*” e transfere para a compradora as casas em que realiza as faxinas, garantindo um conjunto determinado de casas para faxinar. Comprar um bom

conta desse conjunto de casas, a dona do negócio contrata imigrantes recém-chegadas para ajudar no trabalho. Sobre o negócio da faxina, ver Martes (2000), Fleischer (2003) e Assis (2014).

schedule pode ser uma forma de garantir a realização do projeto migratório e, por isso, é almejado pelas mulheres migrantes.

Grande parte das mulheres brasileiras trabalham no mercado de cuidados, um mercado que, segundo Hochschild, constitui uma cadeia global de cuidados, que seria “uma série de vínculos pessoais entre pessoas em todo o mundo com base no trabalho remunerado ou não remunerado de cuidar” (2000, p. 32). No caso das mulheres brasileiras migrantes inseridas na limpeza doméstica, muitas delas tinham suas próprias faxineiras, pois muitas vieram de camadas médias no Brasil. Ao mesmo tempo, essas mulheres em migração têm no Brasil outras mulheres cuidando de seus filhos (Assis, 2014).

Assim, o trabalho doméstico, a despeito de ser um trabalho de difícil regularização, possibilita às mulheres migrantes, principalmente às donas do negócio, ganhos que garantem mais autonomia e um certo empoderamento. Na hierarquia estabelecida entre as donas do negócio e as recém-chegadas, estas não conseguem os mesmos ganhos e tem dificuldade de montar seu próprio “negócio de faxina”, o que pode frustrar o projeto migratório, como no caso de Ana, que sente que não foi suficientemente ajudada por seus parentes.

As mulheres imigrantes, sejam as brasileiras ou as latinas, em busca da meta de acumular capital para enviar remessas ao seu país de origem, trabalham muitas horas, cerca de 10 a 14 horas por dia, sem seguridade social e, muitas vezes, em mais de um emprego. Durante o tempo de emigração, os esforços são centrados na concretização do projeto e para isso o trabalho é intenso. Outras atividades, como lazer e cuidados regulares com a saúde e segurança no trabalho, são colocadas em segundo plano ou sequer cogitadas.

Neste mercado de trabalho segmentado, a maioria dos homens trabalha na construção civil, restaurantes e jardinagem, em que as jornadas de trabalho são longas e exaustivas, cerca de 14 horas por dia, e a grande maioria trabalha também sem documentos. Os homens também montam “empresas de serviços de construção civil” que, no caso dos migrantes irregulares, são empresas informais que prestam serviços a outras empresas. O trabalho é bem remunerado, na perspectiva do migrante, mas nem todos conseguem se regularizar. Portanto, podem trabalhar por anos sem conseguir a regularização migratória.

Os ganhos que possibilitam a poupança e o envio das remessas para o país de origem, parte importante do projeto migratório que constitui o sonho de “fazer a América”, são o

motor que impulsiona a submissão às condições precárias de trabalho, alimentação e moradia. A percepção da migração como uma situação de transitoriedade também sustenta essas condições. É um tempo em suspenso, onde “tudo” é permitido, pois a vida voltará à normalidade no retorno. Para muitos, essa situação tem um custo elevado, pois há o comprometimento da saúde física e mental (Siqueira, 2017).

Letícia, que não chegou a concretizar o projeto migratório, pois foi deportada, relata que teve síndrome do pânico quando voltou ao Brasil e que chorava toda noite quando se lembrava do período que ficou presa nos Estados Unidos. Assim, descreve seu sentimento no retorno:

É igual eu te falei, eu já sempre tive problemas com ansiedade, eu acho que depois que eu voltei, agravou mais essa questão, né, de psicológico, essa questão psicológica, essa questão de ansiedade. E quando eu cheguei, eu fiquei muito frustrada, né, porque igual eu te falei, eu tinha muitos planos, né, pra tudo, queria fazer muitas coisas e até hoje, eu fui deportada em 2021, voltei, comecei a trabalhar no final de 2021 na minha área, mas assim, até hoje eu não consegui fazer nem... não consegui fazer quase nada das coisas que era a minha intenção fazer se eu estivesse lá. Mas aí a gente fica com esse sentimento de frustração, principalmente porque várias pessoas que eram muito próximas a mim estão lá, até hoje, às vezes, assim, de vez em quando ainda bate uma deprê, eu choro, mas não, eu acho que nem tanto pelo fato de eu não estar lá, mas pelo fato das pessoas que eu amo estar lá e eu estar aqui, entendeu? (Letícia, 30 anos, entrevista realizada em 2024).

Ana, assim como outras mulheres que trabalham na faxina quando voltam para o Brasil, reclama de ansiedade, dificuldade para dormir e depressão no retorno.

O trabalho de cuidado realizado na sociedade de imigração ocorre ao mesmo tempo em que as mulheres migrantes ainda se encarregam das atividades de reprodução social. Portanto, no contexto da migração, as desigualdades de gênero continuam a inserir homens e mulheres em posições diferentes. Embora, em alguns contextos, as mulheres consigam maior autonomia com a remuneração que recebem nos países de emigração, grande parte vive com a sobrecarga de trabalho de cuidado e trabalho doméstico. Quando Ana diz “Eu não acostumei até hoje com a gritaria pra correr e o serviço feito só por cima”, que não se acostuma com o ritmo de trabalho, ela revela a dura face do trabalho doméstico no contexto da migração.

Carmen Gregorio-Gil (1998, p. 80) definiu o sistema de desigualdade de gênero como “um sistema de organização social que produz desigualdades entre homens e mulheres ou cujas desigualdades se sustentam na construção cultural do gênero”. Por isso, os desafios para as mulheres migrantes nos contextos das sociedades de emigração as colocam para negociar suas posições de gênero e quando não conseguem, o projeto migratório acaba sendo repensado. Se, ao migrar, não pensavam em retornar, pois imaginaram um projeto de migração familiar, que envolveu uma travessia arriscada pelo cai-cai e que se realizaria à medida que comesçassem a trabalhar e conquistar a desejada autonomia financeira para a família, as dificuldades, o desemprego, a fragilidade das relações de trabalho, o ritmo de trabalho e as tensões entre os familiares, que cobram mais empenho e adaptação à vida nos Estados Unidos, recolocam a possibilidade de retorno.

O motivo do retorno para muitos é a dificuldade de adaptação ao ritmo de vida e o estranhamento às condições de vida e trabalho no território. Nelson ressaltou que as promessas feitas pelo irmão em relação ao trabalho e aos ganhos não se concretizaram, pois embora todos tivessem trabalhando, não ganhavam o que imaginavam e as condições de vida eram mais difíceis, conforme relata: “A vida era só trabalho. Os meus filhos mais novos não se adaptaram na escola e a esposa, que no Brasil era professora, não se adaptou ao trabalho de faxina e ao novo estilo de vida” (Nelson, entrevista, 2024). O entrevistado afirmou que se sentiam desconfortáveis em todos os lugares que iam, principalmente por não falarem o idioma, o que causava medo e insegurança.

Entre o sonho de “fazer a América”, a frustração e o retorno

Sayad (2000) e Hall (2003) descrevem este estranhamento e desconforto em relação ao território e também a reconfiguração de suas noções de identidade e pertencimento. Na terra de chegada, os valores culturais, a alimentação, a dinâmica social e, principalmente, a língua são as suas principais fontes desse estranhamento. Conforme destaca Nelson, este estranhamento – o sentir-se não pertencente ao lugar – foi o que mudou o seu projeto e de sua família de fixar residência nos Estados Unidos.

É importante destacar que as motivações para migrar estão presentes no território e na vida cotidiana da cidade de Governador Valadares, produzindo marcas na construção civil, nas cores das casas dos retornados, nos contêineres que chegam com presentes e mudanças e nos presentes que chegam, assim como nos relatos que circulavam por cartas (Assis, 1995) e hoje circulam pelo WhatsApp e pelo Youtube (Silva et al., 2025) narrando

a vida nos Estados Unidos e as travessias pela fronteira, evidenciando essas conexões transnacionais construídas ao longo da experiência migratória.

Marcela pertence a uma família com esta configuração. Ela relata que em sua infância conviveu com a partida de primos, tios e de sua irmã mais velha. Recorda as fotos e os presentes que a irmã mandava. Desde pequena alimentava o desejo de migrar. A chegada dos parentes que iam ao Brasil para passear ou para ficar era sempre motivo de festas e de ouvir histórias espetaculares sobre a “América”. Casou-se, teve seus dois filhos e não conseguiu realizar o sonho, pois o marido não tinha vontade de morar no exterior. No dia em que o companheiro manifestou o desejo de migrar, pois um de seus primos tinha migrado com a família, Marcela viu a possibilidade de realizar o seu desejo.

Conhecia o moço que ajudava as pessoas a ir pra América, minha vizinha já tinha ido com ele e falava que ele era correto e de confiança, deu tudo certo com elas. Aí nós passamos o sítio para ele que deu para pagar a viagem, a gente foi sem dever (Marcela, entrevista, 2024).

Destaca que a viagem foi difícil, pois era tudo muito incerto e não entendiam o que o “coiote” dizia. Foram outras 32 pessoas. Andaram a noite, em silêncio, por um caminho muito irregular até chegar no posto da fronteira e se entregarem para as autoridades.

Era assustador, num entendia nada e eles gritavam com a gente. Mostrei os documentos [...] fiquei separada do meu marido e comecei a chorar muito. Aí eles entregaram uns papéis e o celular. Eu sabia mais ou menos que ia ser assim, o Luiz [o agenciador com quem Marcela fez contato para realizar a viagem] tinha explicado, mas fiquei desesperada. Aí encontrei com o meu marido e apareceu um brasileiro, não sei de onde, e falou: vocês são a Marcela e o Beto, do Luiz? Pôs a gente no carro e levou na casa da minha irmã (Marcela, entrevista, 2024).

Marcela conseguiu trabalho na faxina e o marido na construção civil, como pintor. Ela relata que não se acostumou. A irmã não era uma pessoa fácil e brigava muito com as crianças. Marcela sentia-se desconfortável, tanto no trabalho como em casa. Era uma pessoa acostumada a trabalhar na roça, mas não conseguiu se adaptar ao trabalho de faxina. A rapidez e intensidade do trabalho, o uso de produtos e a falta de tempo para os filhos minaram sua resistência e expectativa de uma vida melhor.

As crianças ficavam sozinhas em casa, eu morria de preocupação, mas não consegui escola pra elas, demorou conseguir. O Beto também trabalhava

muito e a gente viu que a vida lá era muito ruim. Eu fiquei doente e não consegui trabalhar na correria que elas queriam, então não consegui mais trabalhar. [...] Beto também não conseguiu trabalhar como eles queriam. No sítio a gente trabalhava muito, mas era diferente. A gente nunca teve preguiça, fazia tudo no sítio, mas lá era diferente, muito diferente (Marcela, entrevista, 2024).

A pressão do trabalho, o desconforto de estar na casa da irmã e não ter o acolhimento que esperava e a percepção de que a vida não ia melhorar levou o casal ao desespero e a decidir retornar ao Brasil.

Um dia o Beto começou a chorar. Eu nunca tinha visto ele chorar, chorava feito criança, falava e repetia o tempo todo “eu quero voltar pra minha casa...”. Eu também chorei e as crianças também, foi terrível, muito triste, eu não consegui me mexer, fiquei paralisada. [...] Fiquei de cama, só chorava. Era um desespero, uma dor que não cabia no peito. A cabeça não conseguia pensar nada, a boca não conseguia falar, até respirar era difícil. Ai... Ai... foi uns dias assim, nós só chorava. Eu queria voltar, o Beto também, mas a gente não tinha mais nossa casa e nem dinheiro para comprar passagem e ainda tinha aquele telefone e aquele negócio de ir na corte, isto me deixava louca. Nunca tive problema com a polícia no Brasil, agora ficava com medo de tudo. Quando aquela bosta tocava [o celular] a gente tremia e ficava apavorado[...]. Minha irmã, vendo aquele sofrimento disse “compro as passagem e depois vocês pagam, mas não dá pra ficar com vocês aqui sem trabalho. Chegando lá vocês se viram”. Foi a coisa mais errada na vida que nós fez, um desacerto na vida, invés de melhorar a vida piorou (Marcela, entrevista, 2024).

Marcela viu o marido chorar, como nunca tinha visto antes. Toda a família entrou neste estado de angústia e tristeza com o projeto não realizado, sentiram a vida piorar. Não conseguiram se adaptar e a situação de trabalho estava muito difícil e a irmã ajuda no retorno, comprando as passagens. “Não dá para ficar sem trabalho”, a frase dita pela irmã de Marcela, evidencia a condição do migrante. Decidem voltar, não apenas porque não tinham trabalho, mas porque não conseguiam viver as condições colocadas pela sociedade de migração.

O retorno, conforme Sayad (2000), é parte constitutiva do projeto migratório, ou seja, retornar expressaria a realização do projeto de trabalhar, acumular recursos e poder voltar para realizar o projeto de melhoria de vida no local de origem. No entanto, entre a partida e o retorno a vida acontece e, portanto, pode-se retornar ao mesmo espaço geográfico, mas não se retorna ao mesmo tempo, às mesmas relações sociais. É neste sentido que Sayad (2000 p. 12) afirma que “Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida,

o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida”.

A migração produz esse deslocamento em relação à terra de partida, que permanece idealizada para o migrante e quando este retorna, não reconhece mais a cidade, as pessoas, as relações, pois o tempo passou. Se a experiência de retorno, portanto, é complexa para aqueles que imaginavam e desejavam voltar à terra natal, o que dizer daqueles que não retornam voluntariamente?

Para as famílias que migraram pelo cai-cai, venderam tudo e levaram os filhos, a ideia não era retornar ao país. Neste contexto, o retorno ao país de origem ocorre de forma traumática, é um retorno fracassado, como observa Siqueira (2009). Para Siqueira (2009), pode-se ressaltar que o retorno do indivíduo para seu município de origem sem conseguir seus objetivos, devido ao insucesso do projeto migratório, desencadeia vários fatores psicossociais, tais como sentimentos de incapacidade, desilusão e vergonha.

“Retornar é mais difícil do que partir”, dizem os próprios migrantes. As frustrações e as dificuldades do recomeço na terra natal levam muitos migrantes a adiarem este movimento. Nelson destaca que foi difícil, pois tinha vendido tudo o que possuía e contraído uma dívida. Só depois de quitada a dívida é que retornou. Como afirmou: “[...] tivemos que começar do zero, sem casa e sem trabalho, mas na minha terra [...]” (Nelson, entrevista, 2024).

A estratégia de migrar por intermédio do cai-cai tem promovido uma migração em que os membros do núcleo familiar, às vezes a família estendida, deixa a terra natal rumo à “América”, como dizem. Muitos se encontram com parentes e amigos nos Estados Unidos, utilizando das redes sociais. A estratégia, mais cara e, ainda, arriscada, evidencia as dificuldades de migrar no mundo contemporâneo. Os relatos apresentados demonstram que a inserção laboral dos migrantes brasileiros não se modificou ao longo desses 60 anos de fluxo. Ou seja, permanecem se inserindo no mercado secundário de trabalho, um mercado caracterizado por baixa remuneração e falta de seguridade social, segregado racialmente e por gênero, com longas jornadas e pouca ou nenhuma possibilidade de mobilidade social. Apesar de muitos brasileiros terem conseguido, ao longo de sua trajetória nos Estados Unidos, realizar o projeto migratório, construindo firmas de construção civil ou negócios de faxina e, eventualmente, retornando em situação vivenciada como de sucesso migratório (Siqueira, 2009). A terra de oportunidades nem sempre é vivida da mesma forma para todos os migrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia de migrar pelo cai-cai tem sido uma modalidade muito utilizada pelos migrantes brasileiros e dentre eles os da Região Geográfica Imediata de Governador Valadares para chegar aos Estados Unidos. Ao migrar com a família, num arriscado projeto que envolve vender tudo o que têm e contrair empréstimos para cruzar a fronteira, estes migrantes evidenciam as dificuldades de circular no mundo globalizado e por isso nem chegam a tentar o visto norte-americano, como relatou Ana. As políticas migratórias restritivas empurram os migrantes para a migração indocumentada. Esses migrantes embarcam no sonho de “fazer a América”, alimentados por uma cultura migratória presente na região desde a década de 1960, e se inserem no mercado de trabalho secundário estadunidense.

A migração pelo cai-cai é um projeto migratório que envolve toda a família e por isso, quando partem, os migrantes não pensam em retornar; pois querem dar um futuro melhor para os filhos e para a família na “América”. Por isso, realizam a arriscada travessia, acreditando nas promessas de uma vida melhor. Na modalidade do cai-cai, ao atravessarem a fronteira, se entregam às autoridades e entram nos Estados Unidos aguardando uma resposta a um pedido de permanência ou de asilo que poucos têm chance de conseguir. Enquanto aguardam o julgamento buscam realizar o projeto de “fazer a América” e, para tanto, se inserem no mercado de trabalho.

Quando “Iracema voou para América”, na bela música de Chico Buarque, ela se inseriu no mercado de trabalho secundário, lavando o chão numa casa de chá. Essa é a realidade das migrantes brasileiras e latino-americanas – o trabalho doméstico e a rede transnacional de cuidados –, enquanto os homens se inserem na construção civil, restaurantes e jardinagem. Nestes 60 anos de fluxo, o mercado de trabalho não se modificou para os migrantes, mesmo para migrantes mais escolarizados e com diferentes *backgrounds*. Portanto, nas experiências relatadas estes não sentem as mesmas oportunidades, o que gera tensões e conflitos nas relações. Os conflitos entre os co-étnicos explicitam os limites da solidariedade étnica (Martes, 2000) e as desigualdades de acesso ao mercado de trabalho.

Ao partir, os migrantes contaram com o apoio da rede de parentes, como irmãos e tios, e de amigos, pois ao longo desses anos de fluxo na região se configuraram famílias transnacionais. Desta forma, as redes sociais atuaram para fornecer informações sobre a migração, indicar o “coiote” e ajudar na moradia e no emprego. Entretanto, as mesmas

redes sociais que atenuam os riscos da migração de longa distância, sendo fonte de solidariedade, são fontes de tensão e conflito, quando os migrantes não conseguem emprego, ficam doentes, não se adaptam ao ritmo de trabalho e/ou precisam de apoio emocional, financeiro ou afetivo. Nesse cenário, as redes migratórias que foram importantes para organizar o projeto migratório, a partida, a chegada e as informações sobre os “coiotes” não conseguem ser fortes o suficiente para sustentar o processo de adaptação nos Estados Unidos. As dificuldades com a língua, o trabalho, a vida cotidiana e a sobrecarga de mulheres e homens geram tensões e conflitos que acabam impulsionando os migrantes a retornarem. Essa situação, somada à questão dos filhos, quando migram famílias inteiras, atuam como motivadores para o retorno.

Conforme destacamos anteriormente, para Sayad (2000), o retorno é constitutivo do projeto migratório. Esse imaginário estava presente nos relatos dos migrantes brasileiros dos anos 1970, 80 e 90 que pretendiam migrar com o projeto de trabalhar e juntar dinheiro para comprar uma casa, um carro, montar um negócio e retornar ao país de origem. Contudo, ao longo do tempo este projeto é adiado ou abandonado, com o migrante decidindo-se por permanecer no destino, principalmente quando consegue reunir a família.

Neste cenário, a migração que se vale do cai-cai evidencia uma estratégia de migração familiar que contribuiu para que ocorresse uma mudança nos projetos migratórios e os migrantes partissem com a família toda para tentar a vida nos Estados Unidos e não retornar. O interessante em relação a esta nova modalidade é a mudança desta perspectiva. Ao serem inquiridos sobre o desejo de retornar quando decidiram migrar com a família, todos os participantes do estudo informaram que a intenção era não retornar e que, justamente por esta razão, venderam os bens que possuíam no Brasil.

No entanto, entre o projeto e a vida cotidiana nos Estados Unidos, as redes que apoiaram a migração não foram suficientes para criar condições de acolhimento e favorecer a adaptação a novas condições de vida, outra cultura, outra língua e condições precárias de trabalho. Embora já soubessem em que tipo de trabalho iriam se inserir, e os parentes tenham informado qual seria o trabalho, nossos entrevistados não conseguiram se manter nos empregos aos quais se destinaram e viram as desigualdades que os impulsionaram a migrar se acentuarem. A sobrecarga de trabalho, que faz os homens chorarem e as mulheres sentirem que não dão conta do trabalho e do cuidado dos filhos, revela a face perversa da circulação no mundo globalizado, uma circulação subalterna, racializada e desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alden, Edward (2016). National security and US immigration policy. *Journal of International and Comparative Law*, 1(1), 3-13.

Assis, Gláucia de Oliveira (1995). *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Assis, Gláucia de Oliveira (2008). A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo-as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. *Cadernos Pagu*, 31, 219-250.

Assis, Gláucia de Oliveira (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15, 745-772.

Assis, Gláucia de Oliveira (1999). *Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA* (pp. 125-166). In Reis, Rosana Rocha e Sales, Teresa (1999). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Brasil: Boitempo.

Assis, Gláucia de Oliveira (2014). Gender and migration from invisibility to agency: The routes of Brazilian women from transnational towns to the United States. *Women's Studies International Forum*, 46, 33-44).

Assis, Gláucia de Oliveira (2017). Trânsitos contemporâneos: o ir e vir de emigrantes brasileiros(as) rumo à Europa. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, 8(1), 210-229.

Assis, Gláucia de Oliveira e Siqueira, Sueli. (2009). Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 17(32), 25-46.

Assis, Gláucia de Oliveira e Póvoa-Neto, Helion (2024). A emigração: brasileiros no exterior In Reznik, L. e Póvoa Neto, H. *História da imigração no Brasil vol. 2: a migração contemporânea*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV.

Barbai, Marcus A. (2008). *Discurso e identificação: o migrante brasileiro clandestino deportado* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Boyd, Monica (1989). Family and Personal Networks in international migration: recent developments and new agendas. *International Migration Review*, 23(3), 639-669.

Blitzer, J. (2017). What will Trump do with half a million backlogged immigration cases. *The New Yorker*. Recuperado de: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/what-will-trump-do-with-half-a-million-backlogged-immigration-cases>

Castles, Stephen, Miller, Mark J. e Ammendola, Giuseppe (2005). *The age of migration: international population movements in the modern world*. New York, EUA: Guilford Press.

Cerda-Carvajal, Julia (2014). Las familias transnacionales. *Revista Espacios Transnacionales*, 2, 78-88.

Chueke, Gabriel Vouga e Lima, Manolita Correia (2012). Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. *Revista Espaço Acadêmico*, 11(128), 63-69.

Fleischer, Soraya (2002). *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo, Brasil: Annablume.

Fleischer, Soraya (2003). Uma faxina na identidade de migrantes brasileiras. *Cadernos de Campo*, 11(11), 49-67.

Fusco, Wilson (2000). *Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Gregorio-Gil, Carmen (1998). *Migración femenina. Sus impactos en las relaciones de género*. Madrid, Espanha: Narcea.

Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.

Hondagneu-Sotelo, Pierrette (1994). *Gendered Transitions: Mexican Experiences Of Immigration*. Berkeley, EUA: University of California Press.

Hondagneu-Sotelo, Pierrette (2007). *Doméstica: Immigrant Workers Cleaning and Caring in the Shadows of Affluence*. Berkeley, EUA: University of California Press.

Hochschild, Arlie Russell (2000). The nanny chain. *American Prospect*, 11(4), 32-36.

Jarvie, Jenny (2017). Trump vowed to end 'catch and release,' but on the border, it's business as usual. *Los Angeles Times*. Recuperado de: <https://www.latimes.com/nation/la-na-border-texas-20170206-story.html>

Kandel, William e Massey, Douglas S (2002). The culture of Mexican migration: A theoretical and empirical analysis. *Social forces*, 80(3), 981-1004.

Kempadoo, Kamala (2005) Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. *Cadernos Pagu*, 25, 55-79.

Morokvasic, Mirjana (1984). Birds of passage are also women. *International Migration Review*, 18(4), 886-907.

Magalhães, Lina de Paula (2021). Habitar entre fronteras. Un estudio teórico sobre mujeres migrantes y hogares transnacionales y transfronterizos. *Estudios fronterizos*, 22, 1-25.

Margolis, Maxine (1994). *Little Brazil. Migrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Brasil: Papirus.

Martes, Ana Cristina Braga (2000). *Brasileiros em Massachusetts*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.

Massey Douglas S., Alarcón, Rafael, Durand, Jorge e González, Humberto (1987). *Return to Aztlan: The social process of international migration from western Mexico* (Vol. 1). Berkeley, EUA: University of California Press.

Massey, Douglas. S., Arango, Joaquim, Hugo, Graeme, Kouaouci, Ali, Pellegrino, Adelia, e Taylor, J. Edward (1993). Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, 19(3), 431-466.

Pessar, Patricia R. e Mahler, Sarah J. (2003). Transnational migration: Bringing gender in. *International Migration Review*, 37(3), 812-846.

Piore, Michael (1979). *Birds of passage: migrant labor in industrial societies*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge.

Piscitelli, Adriana (2007). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15, 717-744.

Póvoa-Neto, Helion (2005). A criminalização das migrações na nova ordem internacional (pp. 297-309). In Póvoa-Neto, Helion e Ferreira, Ademir Pacelli (Org.) *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro, Brasil: Renan.

Presidência da República (2004). *Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5016.htm

Reis, Rossana Rocha (2003). *Construindo fronteiras: políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998)* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Soares, Weber (1995) *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadareense* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Santos, Gislene dos (2007). *Estado redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Santos, Gislene dos e Fernandes, Duval M. (2024). Uma análise introdutória sobre a deportação dos brasileiros dos Estados Unidos. In Póvoa Neto, Helion e Santos, Miriam de Oliveira. *Brasil, imigração e emigração: desafios da interdisciplinaridade na pesquisa de processos históricos e contemporâneos*. São Leopoldo, Brasil: Oikos.

Sales, Teresa (1995). O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *Travessia*, 8(21), 5-8.

Sales, Teresa (1999). *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Brasil: Editora Cortez.

Sassen, Saskia (2000) Women's burden: Counter-geographies of globalization and the feminization of survival. *Journal of international affairs*, 53(2), 503-524.

Sayad, Abdelmalek (2000) O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, 13, 7-36.

Siqueira, Sueli (2009). *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Belo Horizonte, Brasil: Argvmentvm, 2009.

Siqueira, Sueli (2017). História das migrações da Região de Governador Valadares-MG para os Estados Unidos (pp. 129-149). In: Bógus, Lúcia e Baeninger, Rosana. *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo, Brasil: Educ.

Siqueira, Sueli, Santos, Mauro Augusto, Assis, Gláucia de Oliveira, Pinto, Franco Dani Araújo e Pereira, Alexandre Pimenta Batista (2024). "Cai-Cai" - Arranjos familiares cruzando a fronteira México-Estados Unidos. *Anais do XXIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 139-149.

Silva, Adélia Verônica, Pinto, Franco Dani Araujo e Assis, Gláucia de Oliveira (2025). Narrativas conectadas: explorando a migração brasileira indocumentada on-line e off-line. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"*, 18(1), 1-19.

Yaler-Loher, Stephen, Papademetiou, Demetrius G. e Cooper, Betsy (2005). Secure borders, open doors: visa procedures post-September 11 era. *Migration Policy Institute*. Recuperado de: <https://www.migrationpolicy.org/research/secure-borders-open-doors-visa-procedures-post-september-11-era>

Vinuto, Juliana (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.